

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
Dr. JULIO HILARIO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Lúrio do Minho, Limitada» - Lrag
AVENCA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAS

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XII

Melgaço, 1 de Dezembro de 1957

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 156

O Leão e o Burro

pelo DR. ABEL VARELA E SEIXAS

Não há dúvidas para ninguém, quando se pronuncia a célebre verdade que os franceses traduziram com o "tout lasse, tout casse, tout passe". Em qualquer circunstância e para qualquer fim. Terminada a causa, cessa o efeito; rodam os tempos, passam as coisas, cai nisto e naquilo o véu do esquecimento por ordem natural da vida. E, aí de nós! se assim não fosse! Se para além duma montanha que se escalou, outra não surgisse; se para além dum sonho, não estivesse outro sonho; se para além duma ilusão que se desvaneca, não se creasse outra ilusão. Seria a negação da própria razão de ser da vitalidade de cada um e das próprias gerações. Não se pode dormir, nem sobre a verdade ou os loiros, nem sobre os desejos realizados ou as ambições que se concretizaram. É necessário uma velada permanente e, embora, não haja o sono reparador, quando se luta por uma Causa, também na castiça Sevilha se não dorme na noite de Sexta-Feira Santa, o que o sevillhano, como todo o espanhol falando do alto do seu orgulho ráico, adorando a Deus e venerando a Virgem no exagero das suas apostrofes, explica que também e nessa data, não houve quem dormisse em Jerusalém.

Por vezes, ou quando se quebra um elo de ligação, ou a ausência nos afasta, o esquecimento, também por natural, não deixa de polvilhar, com a sua poeira subtil, o que foi e já não é. De forma que, quando ao fazer uma volta na estrada da Vida nos encontramos com um pouco do passado, que suprema alegria quando se verifica que não fomos esquecidos.

É sempre agradável. Sensibiliza-nos, embora se pertença àquilo que se foi. Não esquece, enternece, o amparo moral, famos a dizer carinhoso. É uma espécie de coroa de loiros para o vencedor ou caminhante. Também há, também pode haver, o reverso. Mal seria se o não houvesse! Com a calma serena com que se enfrentam temporais, quando se navega no mar da razão e com o vento da consciência tranquila, aguarda-se, com certeza de vencer, que a mesma razão acalme, que desponha o sol do esclarecimento, que os espíritos que se transviaram ou obsecaram por ideias ou teorias, fruto em casos de imaginações doentias ou taras de hereditariade, venham ao bom caminho.

Mas, sobre os dois pilares, o bom e o mau, assente-se arco e lance-se ponte com directriz à prática do Bem. Lance-se a mão aos que precisam, amparem-se, guiem-se possivelmente numa ou noutra estrada hierárquica, arrumando-os no meio, pedindo protecções a mestres e amigos e não nos admiremos se amanhã, a roda da fortuna enlaçada em eixo de lama, permita que venha o vulgaríssimo pontapé. De resto, é sempre muito difícil fugir ao destino. Se não impossível. Mas, sinceramente, como o leão da fábula, prestes ou não a morrer, sentiu o coice do burro apenas, também nós, somos capazes de o sentir, quando na verdade ajazamos o dito burro e lhe demos escola, tirando-o de ser de alveitar, para vender sardinhas ou puxar à nora. É assim, mas é verdade, em certos casos. É lógico, quando a educação e a formação, foram nem sequer meras teorias.

Sem sonhos quixotescos, sem considerarmos uma das tais espanholadas que atrás citamos, tem o seu quê de filosofia e previsão, a exclamação do General Prim, vindo nos seus tempos no pronunciamento de Aranguez, entrando em Portugal por Barrancos, com as tropas de Bailen e Calatrava: — "Tenho sempre ferrado o cavalo para começar de novo!"

É bom, é sempre bom que se conserve, senão na

(Continua na 3.ª página)

Conselho Municipal e revogação de mandato dos vereadores padre Lourenço e prof. Queiroz

Em devida altura noticiamos que o Conselho Municipal, reunido em 13 de Setembro, revogara por maioria, mediante proposta do sr. Presidente da Câmara, os mandatos dos zelosos vereadores padre Manuel Lourenço e prof. António Queiroz.

Também noticiamos, então, que estes vereadores iam recorrer de decisão, o que fizeram em devido tempo.

Hoje podemos informar que o tribunal da Auditoria Administrativa suspendeu a aplicação da decisão do Conselho Municipal. Desta decisão há recurso para o Supremo Tribunal Administrativo.

Estrada para Couso

Pelos Melhoramentos Rurais foi concedida a primeira prestação para a estrada de Couso, que é de 15 contos.

Mosteiro de S. Salvador de Paderne

do P. Manuel A. Bernardo Pintor

Em separata da revista «Theologica», o nosso distinto colaborador, sr. P. Manuel António Bernardo Pintor, acaba de dar à estampa um curioso estudo sobre o antiquíssimo mosteiro de Paderne, Melgaço, cuja história anda ligada à do concelho e do país.

O autor esmiuçou documentos e notas, conhecidas umas, originais outras, e todas concorrendo em ordem a esclarecer de vez pontos escuros na história local.

(Continua na 2.ª pág.)

PARIS!!!

O dia de hoje estava reservado à amável companhia de um rapaz, meu vizinho, do lugar da Ponte, em S. Paio. Acompanhara-o eu também, meses atrás ao Porto, à Junta de Emigração e quis ele agora pagar-me essa gentileza. Foi o Manuel Sérgio. O Manuel Sérgio é ainda muito jovem, creio que vai nos seus 17 ou 18 anos. Mas encarou a sua vida, com seriedade e com dignidade. Trabalha quanto pode, para mandar a sua mãe, que vive no lugar da Ponte e a suas irmãs, o dinheiro que vai juntando. O Manuel Sérgio é como muitos rapazes da nossa terra, como quase todos os rapazes da nossa terra — quer fazer felizes aqueles que o criaram. A riqueza da nossa terra! Dizia-me um rapaz de França: — "aqui não é como na vossa terra. Os filhos não dão nada aos pais. Eles que tratem de se arranjar, conforme puderem, enquanto podem".

Pois é esta uma das grandes riquezas da nossa terra, tão pobre e tão linda.

De manhã celebrei sobre o altar de Santa Catarina Labouré na igreja da medalha milagrosa e às 13 horas estava em St. Lazare, para abraçar e acompanhar o Sérgio. Fomos almoçar ali junto à estação e simultaneamente combinar os trabalhos do dia. O Manuel Sérgio quis reservar algumas horas para visitarmos a torre Eiffel.

Não me consentiu que eu pagasse as despesas do almoço, e foi exigente na ementa. Tomamos o combóio e fomos num instante a Val d'Or. Ali encontramos o José da Froula, de Soutomendo, agora proprietário na linda freguesia de Prado. Pois o José da Froula é destes rapazes, que está com uma vontade inquebrantável de trabalhar. Para ele, não há dificuldades, que se não vençam. Também ali encontramos o Manuel Pequeno, que por sinal é bastante alto e do mesmo lugar de Soutomendo. Resolvemos voltar ali às 18 horas e entretanto fomos visitar a torre Eiffel, um bellissimo monumento, em ferro, de muitos metros de altura, em construção sólida e elegante. Subimos para o elevador e à medida que este avançava, maior era o horizonte. Via-se nitidamente a cidade da luz, os seus monumentos, as suas belas e ricas igrejas, o rio, os bosques. Os milhões que o engenheiro construtor da torre ali fez gastar, estão, há muito tempo pagos, com este panorama surpreendente, de maravilha e com os muitos turistas, que sobem nada barato, lá acima. E sempre muitos. Subimos muito. O Sérgio ainda mais que eu. Para mim, bastava. A trepidação da torre, a altura a que nos encontrávamos, e a pequenez das coisas que víamos lá em baixo, recomendaram-me que fizesse ponto final. Mas o Sérgio não. Subiu. A França... Como deste ponto alto e fino se vê a França...

A França que luta pelo comunismo, com 150 deputados, a França que luta por Deus, com essa admirável falange de rapazes, 10.000 em peregrinação a uma das igrejas de melhor tradição religiosa; as carmelitas, que são doutoras, enfermeiras, assistentes sociais e vivem no seu convento e vivem cá fora no meio das outras senhoras; no seu mister, na sua missão; as religiosas que estão nos seus conventos e são criadas de servir; a França dos Padres Operários, tão desprezidos, tão abnegados, carregando fardos nos cais ou levando pelas suas mãos as camionetas de carga (que pena que alguns que tão bem começaram, e tão belo exemplo de dedicação nos deram, tão mal terminassem!) sim a França, que nos faz passar por esta nossa Lisboa imperial tantos jovens, formados nas suas universidades, ao serviço das nossas missões...

A França das Universidades católicas, a França que luta por brevíver e a pobre França, que sofre, retalhada

(Continua na 4.ª página)

SOCIEDADE ANIVERSÁRIOS

Fazem anos: — amanhã os srs. Indalécio Rodrigues e Oscar Augusto Marinho; no dia 6 os srs. Arlindo Cândido Pinto e Manuel Lourenço; no dia 8 as sras. D. Carolina Augusta Soares Ramos e D. Maria Guisele da Conceição de Sousa Cerqueira; no dia 10 os srs. Jorge da Costa Dantas, Mestre Justino José Gomes e eng.º agr.º Manuel Duarte de Magalhães Fernandes Pinto; no dia 12 a sra. D. Augusta dos Anjos Rodrigues de Araújo; no dia 13 a sra. D. Leopoldina Afonso Domingues e o sr. José do Nascimento Pinto; e no dia 15 os srs. António Gonçalves Pereira (Tonecas) e Luís Fernandes, regedor de Rouças.

CASAMENTO ELEGANTE

Com grande pompa e ostentação, se realizou no pretérito dia 16, na igreja Matriz da Vila de Melgaço, o enlace matrimonial da sra. D. Maria Nélia da Cunha Marinho, dilecta filha da sra. D. Maria do Céu Esteves da Cunha Marinho e do sr. dr. Alvaro Ribeiro Marinho, distinto clínico em Joane, Famalicão, com o sr. Fernando Teixeira Gerales, filho da sra. D. Lucinda Teixeira Carneiro Gerales e do sr. eng.º José Carneiro Gerales, do Marco de Canavezes, cujo acto foi paranifado, por parte da noiva por seus Ex.mos Pais, e por parte do noivo também por seus Ex.mos Pais.

Finda a cerimónia, o lúcido cortejo nupcial, numa extensa fila de cerca de trinta automóveis, dirigiu-se ao Peso, onde, no Hotel Águas de Melgaço (Ranhada), foi servido aos numerosos convidados — mais duma centena — um lauto e finíssimo almoço, após o que os recém-casados seguiram em viagem de núpcias através de Espanha, França, Suíça, Itália e outros países.

Na respectiva *corbeille* encontravam-se muitas, ricas e valiosíssimas prendas; e, da selecta assistência a este auspicioso enlace, por numerosa, não nos é possível dar uma relação exacta; mas lembra-nos ter visto entre ela, além dos familiares e pessoas das relações da noiva, tanto deste concelho como do de Famalicão, os srs.: Dr. Carlos Ramos Fernandes e sua família, de Braga; dr. José Eugénio de Faria e sua família, de Vizela; dr. Alexandre Sampaio, de Guimarães; José Carlos de Polhadela Barbosa e sua família, dr. Luís Polhadela de Oliveira, família Gonçalves e José Gomes Moreira e sua família, de Famalicão; João Marinho e família Ferreira, de Joane; família do dr. Vítor Branco, de Vermoim; família Alão, de Paços de Ferreira; eng.º António Torráo e sua família, dr. António Aroso e sua família, Alvaro Xavier e sua família, Arlindo Garcia Fernandes e sua família, do Porto; eng.º Correia e sua família, da Póvoa de Lanhoso; Américo Teixeira e sua família, de Santo Tirso; Barroso Alves e Joaquim Teixeira e sua família, de Marco de Canavezes; José Dias de Oliveira, de Vermoim; família Gerales, de Juncal; Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva e sua família, de Melgaço, etc., etc..

“A Voz de Melgaço” felicita as famílias da Cunha Marinho e Carneiro Gerales por tão auspiciosa união e deseja ao novo casal cristão um lar muito venturoso e as felicidades de que é digno.

De Remoães

Novembro, 19.

Por entre as lágrimas dos seus e as dos seus numerosos amigos — que Ele inimigos não tinha — foi hoje daqui a enterrar, em jazigo da família, no cemitério da Vila de Melgaço, o nosso saudoso amigo sr. Alberto Augusto de Sousa e Castro, um destes homens que durante toda a sua vida irradiaram simpatia e a quem pertinaz enfermidade há muito tinha amarrado a uma cadeira. Bemaventurados os que sofrem porque serão consolados...

O chorado extinto, que nasceu, na Calçada, em 2 de Setembro de 1892, era um fidalgo de fina extrirpe, pois basta saber-se que sua mãe, D. Filomena Aurora de Sousa e Castro, era filha legítima de Frederico Justiniano de Sousa e Castro e de sua primeira mulher D. Mariana Carolina de Abreu Cunha Araújo, aquele filho do capitão Luís José de Sousa e Castro, da Casa e Quinta da Torre de Várzea, e esta filha do capitão-mor João António de Abreu Cunha Araújo, da nobre Casa do Rio do Porto.

Reposse em paz o querido amigo; e, a toda a família enlutada, em especial a sua inconsolável viúva, sra. D. Albertina de Jesus Domingues Pereira de Castro, a suas filhas sras. D. Irene de Fátima e D. Maria do Rosário de Sousa e Castro e a seus filhos, nossos prezados amigos srs. Aldemiro Augusto, Teófilo Cândido, Alberto Augusto e Amândio Francisco de Sousa e Castro, aqui lhes deixamos o nosso cartão de muito sentidos pêsames. — (C.).

Falecimentos



NO REGAÇO DO SENHOR

Pratic, 25 — Ingrata missão é a de todos aqueles que como eu tem o encargo de noticiar as ocorrências do dia-adia havidas no seu eido. Se uma que outra vez damos notícias mais ou menos agradáveis também não raras vezes nos acontece das outras desagradáveis.



Pelo que me diz respeito, assim me acontece hoje ao ter de consignar nestas columnas o falecimento de minha saudosa tia Sra. Maria dos Prazeres Soares, ocorrido, em 22 do corrente, em Lisboa, para onde seus carinhos filhos, na ansia louvável de a arrebatam à Parca, a levaram daqui no dia anterior.

A pranteada *extinta*, que nasceu, nesta freguesia, em 8 de Agosto, de 1880, era filha de Florêncio Soares e de Ludovina Rosa Alves; viúva de António Diniz Monteiro; Mãe dos srs. Artur Fernandes Soares, enfermeiro dos Serviços Médicos-Sociais, e António Dias Soares, chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara do Tribunal do Trabalho de Lisboa, e das sras. Maria, Carolina Augusta Soares Ramos e Creminda Augusto Soares Colmeiro; sogra das sras. D. Palmira de Matos Soares e D. Cremilde de Jesus Soares e dos srs. sub-chefe da P. S. (P. Augusto Ramos e Amadeu Augusto Colmeiro, e irmã das sras. Laura da Natividade e Ana do Carmo Soares e dos srs. Ernesto e António Soares, juiz de paz deste círculo.

Reposse em paz a querida Tia.

Melgaço precisa...

MELGAÇO, 17. — Há bastantes anos que esta localidade nutre a esperança de se ver ligada através do caminho de ferro, a Monção. Esta aspiração, a realizar-se, viria solucionar muitas dos problemas com que esta estância se debate presentemente.

Assim, a vida económica da região, com transportes acessíveis e baratos, conheceria novas forças para progredir e valorizar as suas produções agrícolas e as suas belezas e encantos naturais. Melgaço, com os seus arredores acidentados, em que as serranias oferecem ao visitante um espe-

ctáculo arrebatador e ao mesmo tempo cheio de atractivos, precisa de se tornar conhecida pelo turismo. E a melhor maneira de aqui fazer atrair as pessoas é criar as condições necessárias para o sua fácil deslocação e fixação.

Assim, também se torna indispensável criar um hotel de turismo, que receba condignamente os turistas nacionais e estrangeiros, os quais durante todo o ano procuram, agora amiúdo, a nossa terra, para gozar as férias.

Melgaço tem bons hotéis e pensões, mas estes são insuficientes e encontram-se principalmente na estância thermal, que fica a quatro quilómetros da sede do concelho.

Aliadas a estas aspirações esta terra também precisa de ver melhoradas as suas instalações escolares com a construção de um edifício amplo e higiénico.

No que respeita ao problema da electrificação Melgaço ainda tem numerosas freguesias por electrificar. A luz eléctrica, que é fornecida ao consumo, por um preço elevado, acusa uma fraca intensidade e, além disso, a corrente sofre permanentes interrupções, factos que não se compreendem e a que as autoridades competentes têm de pôr termo.

De «O Século» de 21-XI-957

Mosteiro de S. Salvador

Continuação da 1.ª página

Valeu se de elementos que obteve do espólio do convento de Fiães e com eles traçou parte da narrativa que ora figura em separata.

Firmando-se, com lúcida visão, em documentos já publicados, o conhecido estudioso vingia dar-nos a história exacta do célebre convento, ao mesmo tempo que estuda muita coisa de interesse local, porque directa ou indirectamente ligado com a história de Paderne.

Os votos que formulamos são que o Sr. P. Manuel Bernardo não canse e que em breve nos dê completa e volumosa história de Melgaço, para o que ninguém como ele está preparado hoje em dia.

Em todo o caso, que tais estudos o não impossibilitem de nos honrar, de vez em quando, com as premicias do seu talento, sempre original,

O FUNERAL DO NOSSO REV. DO (ABADE

Pela enorme multidão de pessoas que nele se incorporou, o funeral do nosso saudoso Abade, aqui realizado na manhã do pretérito dia 11, constituiu uma verdadeira manifestação de pesar.

Abria o lugubre préstito a Irmandade do S. do Coração de Jesus de Remoães seguida pela mesma Irmandade e a das Almas desta freguesia. A seguir vinham catorze sacerdotes de sobrepliz e no coice uma enorme massa de povo de todas as categorias sociais. Pelo percurso foram organizados vários turnos e as coroas conduzidas pelos familiares do extinto.

Fez a encomendação do cadáver o rev. do Abade da Vila sr. Pe. Justino Domingues e na igreja paroquial teve exéquias solenes com a assistência de dezoito sacerdotes, nem só deste Arciprestado como de Monção.

• • •

O rev. do Firmino Augusto Gonçalves, era, como disse em minha última carta, filho de António Gonçalves Meleiro e de Maria Rosa Esteves, natural de Loviô, Rouças, onde nasceu em 7 de Maio de 1884.

Conjuntamente com Manuel Gonçalves Cerejeira — hoje eminentíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa — frequentou o Seminário Conciliar de Braga, onde se ordenou em 1911, exercendo posteriormente o múnus sacerdotal em várias freguesias da Arquidiocese entre as quais Fiães, Vila deste Arciprestado. Desde 1934 que, a contento de todos, parquijava esta freguesia e, há menos anos, também a de Remoães.

Reposse em paz o querido Amigo. — (C.).

Da Vila

Novembro, 25.

Produtos de salsicharia — Em aditamento à local que com esta epigrafe demos em nossa última carta, acrescentamos hoje que pela Comissão de Coordenação Económica foram estabelecidos para entrarem imediatamente em vigor, os novos preços correntes por quilograma dos produtos de salsicharia, na origem, que tais são: — banha fundida (pingue), a granel ou enlatada, 13\$00; chouriço de carne, a granel 31\$00; idem enlatado 28\$20; fiambre tipo corrente a granel, 40\$00; idem enlatado, 30\$00; banha em rama (unto) 11\$50; e toucinho alto 10\$00.

Estes os preços na origem... agora o que o prezado leitor certamente não conseguirá compreender é a substancial diferença existente entre os mesmos e os de venda ao público — nomeadamente o toucinho, que na origem é, como ficou dito, a 10\$00 e o Zé se quiser com ele temperar as versas... terá que pagá-lo a 15\$80, o quilo.

Mas, enfim, se não compreender... tenha paciência que nós também não.

Falecimentos — Na Calçada e em casa de seu genro sr. Manuel Pereira, benquisto proprietário da "Pensão Pereira", faleceu, em 14 do corrente, a veneranda Senhora D. Rosa da Encarnação Pereira, natural de Vila Nova da Cerveira, viúva de Alvaro Cândido Pereira e mãe amantíssima do nosso bom amigo sr. José Maria Pereira, considerado proprietário e comerciante desta praça.

A virtuosa Senhora, que tanto neste concelho como no de Vila Nova da Cerveira era muito querida e respeitada, sucumbiu a um mal que não perdoa: — a idade, pois contava a linda soma de 95 anos, completara-os em 1 de Julho próximo passado.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte, para o cemitério desta Vila, foi extraordinariamente concorrido, tendo sido pelo percurso organizados nove turnos.

A toda a família enlutada, mormente àqueles seu filho e genro, a sua nora sr.a D. Rosa Hermínia Rodrigues Pereira, e a seus netos sr. Manuel Júlio Rodrigues e esposa, sr.a D. Maria Hermínia Rodrigues Pereira Rodrigues, apresentamos sentidos pésames.

Também faleceu, no Porto, a sr.a Margarida de Abreu Cerqueira, casada, de 27 anos, chorada irmã dos nossos prezados amigos srs. António e Aprígio de Abreu Cerqueira, a quem, bem como a toda a demais família enlutada, apresentamos sentidos pésames.

Queda desastrosa — Quando, no pretérito dia 18, o menor de 10 anos José Alves, de Portelinha, Castro Laboreiro, ali pretendia apanhar castanhas caiu do castanheiro, resultando-lhe da queda uma extensa fractura do crâneo e lesões internas. Conduzido ao Hospital desta Vila aqui foram-lhe prestados os primeiros socorros após o que seguiu para o Hospital Geral de Santo António, do Porto, em cujo pavilhão n.º 2 ficou internado.

Novo delegado do Procurador da República — Interinamente, acaba de ser nomeado delegado do procurador da República nesta comarca o dr. Herlander António da Conceição Antunes Martins, a quem apresentamos nossos respeitosos cumprimentos com votos das maiores felicidades no desempenho da sua nobilíssima missão.

Futebol — No campo de jogos do Monte de Prado, realizou-se ontem uma partida amigável entre os grupos futebolísticos Sport Club de Melgaço e o de Paredes de Coura, cujo resultado foi de 2-1, a favor do grupo local.

A tarde esteve de sol radiante, ainda que naquele descampado planalto o "noroeste" se mostrasse algo agressivo, e a assistência podia ser boa, se aquele campo não estivesse tão fora de mão e sentido e com tão precárias comunicações; mesmo assim, o "Peleila", conseguiu chegar ali de automóvel...

O tempo e a agricultura — Continua o tempo seco, o que muito agrava, sobretudo, a questão das ervas e pastagens e por conseguinte o problema da alimentação dos gados.

Vêm-se já algumas terras alqueivadas com tremço e uma ou outra sementeira de centeio já feita.

Agora, aos interessados, lembramos que em Dezembro podem semear: — cebolas, couves diversas (excluindo repolho, couve-flor e bróculos) ervilhas, favas, e salsa. Podem também semear: — centeio, trigo e cevada; giestas, tojos e peniso.

Continua a plantação de videiras e árvores de toda a espécie; fazem-se podas e desinfecções, e, onde não sejam de recer as geadas, já se podem plantar alhos, tendo o cuidado de escolher os "dentes", exteriores porque depois sempre dão cabeças maiores.

Em dia de Santa Luzia (14) minga a noite e cresce o dia

O Leão e Burro

(Continuação da 1.ª página)

totalidade, pelo menos uma grande parte da juventude ofensiva.

Ora se cada um fizer um exame introspectivo, vai forçosamente encontrar que, em qualquer ponto da sua existência, houve alguém ou alguns por quem fez tudo que estivesse ao seu alcance, lhe preparou mesmo a obtenção do pão de cada dia, e que represente... o burro da fábula. Também a gratidão é planta de estima, que só a consciência — e naturalmente o burro não a tem — cultiva e anima. É planta de estufa, mas quantas vezes, a gente grada, como aí humilde, a conserva num cantinho do coração. Felizmente.

Repete-se o que tantas vezes se tem dito: — nunca talhamos figurinos, não é mesmo essa a missão dos homens que escrevem e que procuram doutrinar ou esclarecer; debruçamo-nos, isso sim, sobre problemas e episódios da vida e tirar deles, o bom para exemplo, o mau para apontar, o ridículo para escarpelizar. Ou como se diria, em qualquer conto literário, peça teatral ou comédia, a parecença com isto ou aquilo, é mera coincidência.

Prado, 25

É, o rev. do P.e José Marques, muito digno Abade de S. Paio, quem agora acumulativamente com o da sua, vem exercendo o múnus paroquial desta freguesia, o que equivale a dizer que eclesiasticamente estamos anexados a S. Paio.

E, pois, preciso pensar, a valer e quanto antes, na construção da residência paroquial desta freguesia, assunto por mim já aqui abordado, mas... pelo visto, foi o mesmo que pregar no deserto.

— Em Lisboa, faleceu, no pretérito dia 13, o sr. António Barreiros, de 68 anos, soldado da G. N. R. aposentado, filho de Manuel Joaquim Barreiros e de Laurinda Elisa Marinho, natural desta freguesia. Deixou viúva senhora Alcinda Esteves, a quem, bem como à demais família enlutada, apresento sentidos pésames.

— Em complemento à notícia do casamento da sr.a Beatriz de Jesus Mendes Pinto, com novos elementos que me chegaram, acrescento que esta Senhora casou efectivamente em 20 do mês findo, no mosteiro de Leça do Balio, com o sr. Domingos Ribeiro da Silva, sendo o facto testemunhado pelo sr. Miguel Ferreira e pela menina Maria Julieta Mendes Pinto.

— Está para o Porto, onde foi visitar seu irmão, a gentil menina Maria Lucinda Rodrigues de Abreu, preta filha do sr. João António de Abreu e de sua esposa sr.a D. Rosa Luísa Rodrigues de Abreu.

— Regressou da Maia, não sem primeiro ali ter sofrido os efeitos da tal «asiática», a sr.a Beatriz Mendes Pinto. — C.

Rouças, 27

A «asiática» passou por aqui e fez paragem. Foram muitos os que lhe pagaram tributo, entre eles o nosso rev. pároco e sr. Presidente da Junta. Alguns estiveram 10 e mais dias... No entanto agora parece que subiu até Fiães. Aqui, há menos casos.

— A descansar alguns dias entre os seus, chegou a esta freguesia, vindo do sul, o nosso estimado assinante, sr. António Fernandes, digno guarda-fiscal, da Costinha.

— Na passada quinta-feira, houve officio, missa, comunhão geral e romagem ao cemitério da freguesia, pelas almas dos nossos mortos. Foram muitos os fiéis que se abeiraram da sagrada mesa e muitos os que tomaram parte em todas as cerimónias pelos nossos queridos defuntos.

— Tem-se feito o mês das almas às 6 e um quarto da manhã e vai começar a novena em honra de N. Senhora, à mesma hora.

— Num dos próximos domingos, far-se-á nesta freguesia a homenagem ao nosso Ex.mo Prelado. — C.

Penso, 25

No passado dia 7 do mês corrente, de passagem para Guimarães, tive a lembrança de fazer a minha visita ao «Diário do Minho» para falar pessoalmente ao muito digno director deste quinzenário jornal «A Voz de Melgaço», Rev. Sr. Padre Júlio Vaz. Neste ponto muito me penalizou não conseguir fazê-lo pela minha pouca sorte. Desejava que me conhecesse como correspondente deste jornalzinho e eu conhecer, também, o indicado Sr. Padre Júlio Vaz. Fi-

Parada do

Monte, 26

FALCIMENTOS — Após prolongado e doloroso sofrimento faleceu com a idade de 75 anos o Sr. Camilo Esteves, do lugar da Aldeia Grande.

Com 65 anos também faleceu no dia 12 a Sra. Rosa Rodrigues, do mesmo lugar. Os funerais que foram os dois no mesmo dia, tiveram enorme concorrência. As famílias enlutadas enviamos as nossas condolências. Paz às suas almas.

CASAMENTO — Consoçariam-se ontem, dia 25, os nubentes Perfeito Pires, do lugar do Fablado, a menina Rosa Rodrigues, do lugar do Casal. Aos noivos que são dotados de primorosos dotes desejamos muitas felicidades.

NASCIMENTOS — Deu à luz uma criança do sexo masculino a Sra. Maria Alves, esposa do Sr. Manuel Rodrigues, do lugar do Chão do Bezorro. Também deu à luz uma criança do sexo feminino a Sra. Maria Domingues, esposa do Sr. José Alves, do lugar do Coxo do Paço.

O TEMPO E A AGRICULTURA — Continua o tempo seco. Veio uma chuvinha um dia mas logo virou o tempo com um pouco de frio e geada, o que vem contribuir para o desaparecimento das pastagens. Manda quem pode, obedece quem deve. — C.

ca para outra ocasião se Deus nos der vida e saúde.

— No lugar das Mós faleceu Francisco Fernandes com a idade de 77 anos. Era viúvo. Andou anos por Lisboa mas a sorte nunca o protegeu.

Também no lugar de Felgueiras faleceu Teresa Meleiro, viúva, com a idade de 82 anos. Antes da morte distribuiu pelos filhos o que possuía.

Ambos estes funerais foram muito concorridos com muitas pessoas. Paz às suas almas.

— Encontra-se na nossa presença o meu particular amigo José Pereira. Veio fazer a visita à sua casa para fazer-lhe melhoramentos que precisava.

TEMPO — Tem corrido às mil maravilhas mas muito seco e frio. Custa aguentar de manhã à noite, estando a sofrer muito o gado com falta de alimentação.

— Sente-se por aqui muitas doenças que tem causado mortes por diversos lados. — C.

Paris

(Continuação da primeira página)

dividida em tantos partidos. A França! Dizia-me alguém e recordo-o do alto desta torre, o sr. Dr. Pacheco de Amorim: — nós somos mais pobres, mas o mundo tem-nos mais respeito...

Tudo se vê do alto desta enormíssima torre... E descemos com esta confiança: a França há-de sobreviver! Regressamos a Val d'Or.

O José Froula voltou a receber-nos, bem como o Manuel Pequeno (não esqueçamos que ele é altíssimo...) e fomos visitar os outros nossos conterrâneos. Eu esquecia-me de dizer que na estação de St. Lazare, quatro rapazes da nossa terra me deram as suas ofertas para Santa Rita. Não esperaram que fosse até junto do seu trabalho: — O António Domingues Clemente, de Arcobaça, 1.000 florinhas, Manuel Alves, Alcobaca, 2.000, o Manuel da Levada, Soutomendo de Baixo, 2.000 e o Augusto de Sousa, de Lapela, 1.000.

Estamos pois em Rouel, Malmaison, na empresa Langlois, e aqui temos muitos rapazes conhecidos e amigos de Santa Rita. Não era preciso pedir nada. Esta obra é de todos e para todos.

Saudamo-nos e abraçamo-nos. Era gente do Rio, meus vizinhos e, alguns, parentes e todos eles amigos. E fizemos daquela terra, por momentos o lugar tão cheio de saudade e de recordações, a Adedela. Reconhecemos a nossa gente, as nossas famílias, os nossos amigos e sobretudo essa gigantesca figura de Padre que por longos anos, viveu na Adedela, a trabalhar para o Rio, para toda aquela boa gente, o saudoso P. João Nepomuceno Vaz. Ainda o recordo — para não deixar os fiéis sem missa ultimamente já já a cavalo, numa distância de apenas uns 150 metros. Que vontade e que fé... O P. e João!

No meio daquela feliz colmeia de rapazes, havia um, que era, pela sua grande bondade e pelas suas qualidades especiais para a cozinha, e foi encarregado de fazer a ceia. Era o Carlos Antas, o símbolo da bondade, da dedicação. E fez uma boa refeição para aquela noite. Seria na barraca, na sua gloriosa barraca. Eu não me recordo de uma refeição pelos hotéis de Paris, mais saborosa, que esta que os rapazes de Portocarreiro nos fizeram. O Abílio Esteves de Portocarreiro, perguntou pela sua princezinha, que lhe disseram ser muito linda, mas que ainda não vira... Eu também não conhecia a sua princezinha, mas devia estar famosa, pois sua mãe e seus avós fariam tudo por ela. As princezinhas, os seus filhinhos, os seus pais, as suas irmãs, como tudo isto fala ao coração dos nossos rapazes. O bendito amor de família!... A grande riqueza de nossa linda terra.

Lembramos o Sr. Abade de Fiães, que aqui mesmo ficara, entre os seus paróquianos, um ano antes, rodeado de carinho de todos. E as ofertas foram grandes. Vejamos: — Do sr. Manuel Esteves, Coriscadas, 1.000 florinhas, Abel António Dantas, 1.500, Manuel Joaquim Esteves, Faval, 2.500, Augusto Rodrigues, Coriscadas, 5.000, Manuel Alves, da Cela de Cima, Padrenda, 5.000, Carlos Antas, de Portocarreiro, 5.000, Manuel Vaz, Faval, 5.000, Abílio Esteves, 5.000, Júlio Ferreira, Portocarreiro, 2.000, José Rodrigues, Rodeiro, Castro Laboreiro, 5.000, José Esteves da Froula, 2.000, Manuel Domingues, de Soutomendo, 3.000. 48.000 florinhas, ao todo!

Vale d'or, Vale d'or! Como te lembro e te agradeço!

Vi ali, chegado há dias, o caseiro do nosso bom amigo sr. Aires, estimado funcionário da Empresa Auto-Viação de Melgaço, que mandou muitas saudades para o seu antigo patrão, a quem tanto queria. Contou-nos o que tivera de sofrer na sua penosa viagem. Sou pobre, mas se tivesse de vir novamente assim, não sairia da minha terra. E tudo isto, pela nossa querida terra. Tudo isto para que não falte o pão às famílias de Melgaço...

Há na Adedela um rapaz, que não apareceu... Mas não é da Adedela...

Fomos a um café, para recordar o da nossa terra. Voltamos a falar das nossas famílias e despedimo-nos. Fora um grande dia o que terminava, já noite alta. Fora uma bela jornada para Santa Rita. Mais uma vez, os filhos desta abençoada terra, desde Castro Laboreiro até ao Faval, e mesmo rapazes da nossa vizinha Espanha mostraram o seu amor para com Santa Rita. E tão bem...

Rapazes, de Vale d'or, que Deus vos pague! Que Santa Rita vos ajude!

MISSA NOVA

do rev. do António Domingues, de Alvaredo

No dia 6 de Outubro, às 11 h saía o cortejo de casa do neo-presbítero para a casa do Sr. Eduardo Ramiro Pereira, onde o neo-sacerdote se foi paramentar.

Organizou-se a procissão através da estrada nacional até à Igreja com a seguinte disposição: à frente as crianças da catequese, que nesse dia tinham feito, umas a sua Comunhão Solene e outras a Comunhão particular, com os seus estandartes; clero seguido do neo-presbítero acompanhado de seus pais, pároco e pessoas de família; finalmente o povo não só de Alvaredo, que ali tinha afluído em massa, como também das freguesias circunvizinhas. Chegados à Igreja, depois de a «Schola Cantorum» do Rev.º Sr. P.º Brás ter cantado o «Veni Sancte Spiritus» o neo-presbítero iniciou a Santa Missa tendo como acólitos os Rev.ºs P.ºs António Esteves e Adelino Eiras Lobarinas. Presbítero assistente o pároco Rev.º Sr. P.º António Augusto da Silva Barros. Entre o clero assistente ocupava lugar de honra o Rev.º Arcipreste de Melgaço Sr. P.º Carlos Vaz e o Rev.º Sr. P.º Justino Domingues.

Foi Orador o Rev.º do P.º Fernando de Carvalho Rodrigues, discipulo do neo-sacerdote, que na divida altura subiu ao púlpito tendo feito a apologia do Sacerdócio Católico.

A's 1.ª lavandas serviram os srs. José Domingues pai do neo-presbítero Dr. Júlio d'Outeiro Esteves, presidente do Município e Dr. António Cândido Esteves.

Várias pessoas receberam a Sagrada Comunhão.

A's 2.ª lavandas serviram os srs. Valeriano Guimarães Bessa, Augusto Esteves Lima e Manuel de Sousa Lobato.

Finda a Santa Missa seguiu-se o beija-mão em que tomaram parte centenas de pessoas. Terminada esta comovente cerimónia, os convidados foram conduzidos ao Grande Hotel Águas de Melgaço (Ranhada) onde foi servido um lauto banquete. Abriu a sessão de brindes o Rev. Pregador, ouvindo-se em seguida, o Rev.º Sr. P.º Barros, o Sr. Dr. Júlio e o Sr. Valeriano Bessa.

Finalmente levantou-se o neo-sacerdote para em palavras trespassadas de sentimento agradecer a todos e de um modo especial aos pais, pároco e superiores do Seminário.

N. R. — Só hoje nos é possível dar a notícia da missa nova do novo Sacerdote da nossa terra, que no Seminário se impôs pela sua conduta e pelo aproveitamento intelectual.

É Melgaço alfofre de vocações, em tal número que chegam para o Concelho e, alguns, ainda trabalham noutros arciprestados.

Ao Sr. padre António Domingues, desejamos as maiores venturas sacerdotais e pastorais.

S. Paio, 25

Partiram para França os srs. Augusto Alves e José Alves. Oxalá sejam felizes. — Depois de passar uma boa temporada em França,

Várias notícias

Foi nomeado pároco de S. Lourenço da Montaria o nosso ilustre amigo, Sr. P.º António Domingues, de Alvaredo, que há dias cantou a sua missa nova.

Desejamos-lhe muitas felicidades no novo munus pastoral.

— Vieram, há dias, marcar a nova estrada de Cavaleiros ao Rio dois técnicos, supomos que da Junta da Urbanização. Segundo consta, ela sairá, próximo das Adegas, em Rotucas, vai a Paçõ, segue monte acima até ao minério e dali vai à Candosa, perto do convento de Fiães, e dali para o Rio.

Folgamos com a boa nova e oxalá as obras se façam rapidamente para levar àquela boa gente a estrada porque tanto pugnamos.

Ao Sr. Abade de Fiães, os nossos parabéns por ver realizados os seus desejos. A todos os que trabalham pela sua construção com os nossos parabéns os votos de que não esmoreçam.

encontra-se entre nós o sr. Manuel António de Almeida, da Carpinteira.

— Começaram as sementeiras do centeio em quase todas as localidades.

— A «asiática» já chegou a esta freguesia, estando bastantes pessoas doentes.

— A E. N. 202 está sendo muito transitada, principalmente de noite. Seria bom que fosse alcatroada desde Melgaço até Sante.

Também cá temos uma cadela «Laica» que todos os dias ladra, pula e salta...

— Faz hoje anos que nasceu o grande Eça de Queiroz.

— O tempo está correndo muito bem, mas a falta de águas prejudica os gados. — C.

Pela Fundação Calouste Gulbenkin

foi concedida uma bolsa de estudos a um estudante melgacense

A Fundação Calouste Gulbenkin, que muito está a contribuir para o desenvolvimento cultural no nosso país, concedeu uma «Bolsa de Estudos» ao nosso conterrâneo José Albano de Melo, que frequenta a Universidade de Coimbra no 2.º ano de Direito. Felicitamos o José Albano, por ver resolvido o problema, que mais o tem atrapalhado na sua carreira de estudante.

Na encruzilhada do destino

Novela por Gabriel Dinis

E, mergulhado nestes confusos pensamentos, caminha em direcção a sua casa, colocado entre a dúvida e a esperança, apenas ansioso por se fechar na monotonia do seu quarto, como que procurando convencer-se de que tudo aquilo não passa de autêntico sonho.

Por seu lado, João Gonçalo parece encontrar-se numa posição muito diferente. Já não tem dúvida alguma acerca do que acabou de presenciar. Assustara-se a princípio, na verdade, mas quem sabe se tudo isso fundado na emoção sentida repentinamente perante a perspectiva de poder abraçar ainda mais uma vez, antes de morrer, o menino que vira nascer e crescer, sempre com a mesma amizade, sorridente para tudo e para todos? Quem sabe se por o coração lhe ter adivinhado o próximo desvendado de um mistério que não pod., não quer levar para a sepultura?

De resto, que tinha tudo isso de extraordinário? Absolutamente nada.

(Continua)

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.^o JULIO HILARIO VAZ

Redacção e Administração, Interinas: Residência Paroquial—Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Eragá
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00

Melgaço, 15 de Dezembro de 1957

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Paris!

Eu estive em Paris ainda bastantes dias. Não tantos como eram precisos, mas enfim, o necessário para levar a uma grande parte dos meus conterrâneos o meu abraço e as saudades das suas famílias.

Mas esta cidade de Paris exigia muitos mais dias. E perdeu-se bastante com todas estas pressas.

Pois o dia de hoje, o quinto da minha romagem por terras de França, estava reservado para uma visita a Noisy le Sec. E seria meu companheiro o Manuel da Levada, de Soutomendo, um rapaz, meu vizinho, que ainda não conhecia e que desde a véspera se me oferecera para me acompanhar àquela terra.

Pela manhã, voltei à igreja da medalha milagrosa e na Fraternité Sacerdotal, almocei junto de um colega italiano, que chegara a Paris na véspera. Como sabem, nesta casa há sacerdotes de todos os ângulos do mundo. É na verdade uma casa Católica.

O meu colega italiano, com os seus 50 anos, cheios de experiência contou-me o resultado do seu apostolado. Na sua igreja, apenas umas 40 ou 50 pessoas ao domingo. É uma pena esta falta grave dos nossos católicos, que não cumprem, não querem cumprir uma lei que é tão severa. Só umas 40 pessoas! Os chamados fiéis de baptismo, casamento e enterro.

Há ali militantes comunistas. E bravos, aguerridos. Pelo visto, o pároco da freguesia teve já de usar o 5.º argumento e com boa desenvoltura física, para dominar os seus contendores comunistas. Foi assim que ele teve de responder à sua afronta.

O Governo italiano, disse-me, paga aos párocos umas 220.000 liras por ano. E note-se que a Itália é um dos países, em que os comunistas tem mais deputados no Parlamento.

Pois bem, à hora marcada o nosso amigo, Manuel da Levada, estava na estação. Desde a primeira hora que este meu conterrâneo me distinguiu com todas as atenções. Partimos para Noisy.

Mas ainda era muito cedo para falarmos com os nossos compatriotas. E fomos ver aqueles canteiros e trabalhos. Num dos muros, estas palavras gritantes a Guy Mollet: «A opressão de um povo armado sobre outro, cria ódio. Cessai fogo». Era a desaprovação clara da política do governo, da sua luta com os insurrectos da Algéria!

E lembrei-me de Portugal. Temos um país imenso, voltado contra nós. Estamos muito distantes para combater. Mas há mais união em volta do governo. Ali estava clara a vida dos comunistas, a sua luta, contra a França.

Pois em Noisy havia bastantes rapazes. Também eram, em grande maioria, do Rio. Eram portugueses e espanhóis. Vi muitos de Padrenda. E vi rapazes, meus paroquianos. Ali estava o filho do Casimiro, da Cela, casado ainda há pouco e com uma enérgica vontade de trabalhar. De trabalhar e de poupar.

Também lá estava o António Rodrigues, de Alcabça, agora vizinho de Santa Rita. Casou há pouco na Eira, mesmo pertinho da nova igreja, e foi-se por esse mundo fora, com os olhos na sua família.

E vi o Ramonzinho, da Adedela, a quem me prendem tantas e tão saudosas recordações. Era filho do nosso antigo caseiro. E estava em Paris. Não lhe vi a sua concertina, que ele sabe dedilhar tão bem, nem o vi alegre, como nos dias das nossas romarias. E até me fez espécie pois não queria sair da barraca. Pois o António Luís Domingues, que esta é a sua graça, estava ali, para aumentar a fortuna de seus pais e para nos lembrar esse saudoso

(Continua na 3.ª página)

Sonho ou realidade?

É sempre com vivo interesse, quando os meus olhos visam nas colunas deste quinzenário artigos expostos aos seus leitores, que leio os mesmos engrandecendo a terra Melgacense.

Um homem, com o seu esforço, com a generosidade dos bons, estar a levar a fim uma obra que lá no alto na ermida engrandece o seu suor de trabalho esgotante.

Mas essa obra ainda por terminar, pois mesmo assim ainda falta muito, não obsta a outro plano de uma grande realização, esta também de empreendimento que merece ser realçado nos factos de maior saliência.

A casa para velhinhos, as crianças abandonadas, desprotegidos da sorte.

Não encontrará esse homem, esse sacerdote, todas as portas abertas?

Não é de louvar acção humanitária e compreensível deste representante de Deus que vê e reconhece

(Continua na 4.ª pág.)



P.º António Domingues, de Alvaredo, que, este ano, cantou a sua Missa Nova e que Sua Ex.ª Rev.ª Sr. Arcebispo Primaz, nomeou pároco de S. Lourenço da Montaria, Viana do Castelo.

«A VOZ DE MELGAÇO»

Deseja a todos os seus colaboradores, assinantes e amigos BOAS FESTAS e feliz ANO NOVO.

PONTOS DE VISTA

Uma das características mais profundamente lusitanas é, sem dúvida, a propensão que há para a maledicência e para a crítica.

Nos tempos de formação do nosso risonho Portugal, houve uma espécie literária que compreendia todas essas sátiras mordazes com que se mimoseavam uns aos outros. Muitas vezes, o mais leve e insignificante mau procedimento ou modo de ser um pouco anedótico de uma criatura, era caso para se fazer um grande exórdio à volta dela, deturpando os factos e abespinhando esse ser que teve a fatalidade de dar um passo em falso, se acaso o chegou a dar.

São as chamadas «cantigas de escárnio ou maldizer»; foram elas, juntas com outras espécies, que deram início à nossa literatura.

Em face disto, podemos concluir que no espírito do povo português, está profundamente arraigado esse sentimento, ao ponto de se criar o aforismo: «maledicere lusitanum est» — maldizer é próprio dos portugueses.

Sob todos os aspectos que encaramos a maledicência e as suas diversas subdivisões, temos de concordar que é um dos nossos piores defeitos; principalmente, quando toma o aspecto de cusvilhice e conversa de soalheiro em que se trazem a campo todos os defeitos e fraquezas do próximo, deturpando os factos e dando-lhes um modo de ser, que, por vezes, é ruinoso para aquele ou aquela que cai sob a alçada de tais línguas.

Quantos lares desfeitos, quantos esposos desavindos, quantos ódios entre vizinhos e famílias, quantos crimes, porque nós, num momento de humana fraqueza ou por requintes de malvadez, levantamos a ponta de um véu que, as pessoas que nos ouvem, acabam depois por levantar todo, com os respectivos acréscimos, como é da praxe.

Há algumas pessoas para quem a má língua é uma moléstia que delas se apoderou e que só com a morte as deixará. Estas criaturas são sempre o flagelo para todos os que os rodeiam. Algumas dizem-se, até, pessoas de uma moral muito sã!...

Onde sobretudo a má língua tem maior incremento, é nos meios rurais mais pequenos.

Várias vezes, por mero acaso de passagem, pude colher em flagrante essas pequenas reuniões de homens e mulheres, que, ou tomando a sesta ou outras vezes perdendo um precioso tempo, se entregam não a falar dos seus negócios ou da sua vida, mas sim, levantando mortos e enterrando vivos, como costuma dizer-se. As encruzilhadas são os pontos fatais para as más línguas.

(Continua na 3.ª página)

PRADO, 10

MOSTEIRO DE S. SALVADOR DE PADERNE

Também a minha estante foi enriquecida com a separata do curiosíssimo estudo *Mosteiro de S. Salvador de Paderne*, que a mão amiga do seu muito culto e esclarecido Autor, rev. Manuel António Bernardo Pintor, fez o favor de lhe ofertar.

O curiosíssimo estudo, mal me caiu sob a vista... não o li; devorei-o com aquela avidez que estas coisas sempre despertam em mim, e, depois, de o ter lido e relido não sei já quantas vezes, fiquei com a convicção, plena e segura, de que sobre a origem topográfica de Paderne e a fundação do seu Convento, nada mais há a acrescentar, pois o rev. P.e Manuel António Bernardo Pintor disse a última palavra. Não haja a menor dúvida, o assunto ficou assim devidamente esclarecido e por consequentemente arrumado.

Ao querido Amigo, incansável estudioso do passado da nossa terra, nem só pela oferta do seu sério e honesto estudo — estudo em que definitivamente se esclarecem muitos pontos que sobre o arqui-secular Convento de Paderne andavam envoltos em espesso nevoeiro londrino, para não dizer trevas!... — como também pelas palavras gentis e amigas que se dignou escrever-lhe em rosto, as minhas felicitações com um grande *muito obrigado*.

No pretérito dia 1, tomou interinamente posse do pároco desta freguesia o rev. P.e Justino Domingues, zeloso Abade da Vila, que, em querendo Deus, nos há-de apascentar até Julho do próximo ano, data em que Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz prometeu — parece — nomear pároco próprio para aqui e para Remoães. Nesta freguesia é o muito rev. P.e Albertino Pereira, digno Abade de Chaviães, quem, acumulativamente com o da sua, vem exercendo o munus paroquial.

— Em poder da Junta desta freguesia está já a competente participação para a conclusão da obra de abastecimento de água aos lugares da Corredoura, Serra, Igreja e Bouços, pelo que pouco terá a viver quem não vir realizado tão útil como desejado melhoramento, pelo qual, com denodo, sempre aqui me tenho batido.

Chegou, pois, agora a altura de patentear aqui o nosso indelével reconhecimento ao Governo da Nação, pela forma criteriosa com que reparte os dinheiros públicos.

— Na sua residência, sita no lugar dos Raposos desta freguesia, faleceu, ante-ontem, o nosso prezado amigo e parente sr. Manuel Joaquim Barreiros, de 68 anos, filho de Maria Rosa Barreiros e casado com a s.ra Umbelina Rosa Alves. Era um homem probo e trabalhador, e por isso muito querido e respeitado.

A toda a família enlutada, em especial a sua viúva, a seu filho Abílio Barreiros, ausente no Canadá, a suas filhas Maria Barreiros Soares e Beladmir Barreiros Gonçalves, a sua nora Jesuina de Fátima Fernandes Barreiros e a seus genros Manuel de Jesus Soares e José António Gonçalves, os meus sentidos pésames.

— A tratar de assuntos da sua vida, esteve na sua casa da Fiehoa o nosso querido Amigo e benquista comerciante na Foz do Douro, sr. Martins Lourenço, que fez o favor de honrar-me com o seu abraço amigo. Grato.

— Chegado de França, está entre nós o sr. José Augusto Ribeiro.

— Também esteve nesta freguesia, onde veio assistir à missa do 30.º dia que em sufrágio de seu saudoso irmão se realizou ontem, o sr. dr. Manuel Joaquim Gonçalves, distinto médico em Ponte da Barca.

— Para Lisboa seguiu hoje a s.ra D. Bonança Delvina Gomes Calheiros de Sousa. Boa viagem e feliz regresso lhe desejo.

— E aos prezados assinantes que costumam pagar o jornal por meu intermédio e que ainda o não fizeram, lembro que devem satisfazer seus débitos até ao fim do mês, o que antecipadamente lhes agradeço. — (C.).

Sociedade

ANIVERSÁRIOS

Fazem annos: — no dia 18 os s.r.s Alfredo José Gonçalves (Xastre) e Hilário Alves Gonçalves; no dia 20 o sr. Celestino Dias de Figueiredo; no dia 22 o sr. Evaristo José Domingues; no dia 24 a s.ra D. Beatriz de Jesus Esteves Rodrigues; no dia 25 o menino Henrique José de Sousa Calheiros; no dia 26 os s.r.s António Barbeitos da Silva, Fernando Alvaro Gomes de Sousa e José Américo Esteves; no dia 27 o sr. Ernesto Viriato dos Passos Ferreira da Silva; no dia 28 a s.ra D. Alexandrina Túnea Esteves e os s.r.s João Baptista Gonçalves Ribeiro e Manuel Fernandes de Sousa; no dia 30 a s.ra D. Aida dos Santos Lima Moraes, e no dia 31 a s.ra D. Maria Teresa Pires e o sr. José Augusto Esteves (50 anos), bodas de ouro.

Por Paderne

Gripe e visitas

Tem grassado nesta freguesia a maldita gripe, que é muito rara a pessoa que mais ou menos não tem sofrido as suas consequências. Cá por casa pegou duro e temenno a todos chegou bem.

Visitantes illustres — Foi por alguns dias do fim do mês de Novembro p. p. que tivemos o prazer da visita a este concelho do Illustríssimo Comandante da 3.a Companhia da Guarda Fiscal — Valença — sr. Capitão Padrão Soares, o qual vinha acompanhado de Sua Esposa, que pela primeira vez veio conhecer as belezas desta terra.

Que levassem as melhores impressões, são os votos que fazemos.

— Também de visita à sua família dos Moínhos tivemos o prazer de abraçar no dia 7 o nosso distinguido amigo e assinante sr. Manuel dos Anjos Esteves, muito digno 2.º cabo da Guarda Nacional Republicana e comandante do posto de Tanbil, do próximo concelho de Monção.—C.

Maria dos Prazeres Soares

AGRADECIMENTO

Sua família, vem, por este único meio, agradecer com o maior reconhecimento, a todas as pessoas que de qualquer forma se assessoraram ao rude golpe que sofreu.

Prado-Melgaço, 7-12-1957
A Família

Da Vila

Dezembro, 10.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Já uma vez aqui o dissemos, quem não for de Melgaço e que a Melgaço venha pela primeira vez, ao ver todas estas extensas matas de pinheiros e outras árvores que nos rodeiam, sem dúvida, há-de pensar lá para com os seus botões de que nós, os melgaçoenses, somos um povo privilegiado no tocante a lenha. Entretanto, quem assim pensar, engana-se redondamente.

A lenha em Melgaço, para quem não for proprietário de matas ou que a não possa comprar a carro, constitui um problema angustioso, pois seca nem com a metafórica lanterna de Diogenes se topa à venda, e verde como centeio neste estado, custa-nos os olhos da cara. Veja o leitor amigo se temos ou não razão:

Recentemente, por 5\$00, compramos doze sarrafos; como os mesmos vinham a resumir água... aproveitamos o sol radiante deste prolongado verão de S. Martinho para os secar, após o que os levamos à balança e... achamos o peso bruto de 8,60 quilogramas, a 5\$8 o quilo! — mais cara do que em Lisboa, pois aqui, se não estamos mal informados, a lenha tem a tabela de 5\$5 o quilo. Que lhes parece?!...

Sem dúvida que a Autoridade administrativa devia intervir neste assunto; como, porém, de *minimis non curat praetor*... vamos indo.

Crispino

Te Deum laudamus — Graças a Deus que a partir do próximo dia 15 o petróleo parece que volta à sua primeira forma: — a 2\$50 o litro. Já era tempo.

O que, porém, nós aqui não compreendemos é a razão porque o petróleo, tal como a gasolina, não há-de ter preço uniforme em todo o País, pois parece-nos que este seria o melhor critério a seguir.

Falecimento — Com 77 anos, faleceu, no Hospital da Misericórdia, em 27 do mês findo, o sr. Feliciano Joaquim Soares (Barbeitos) natural do vizinho concelho de Monção, mas há mais de 70 anos residente em Melgaço-Sentimos.

Mercado semanal — No mercado que no pretérito dia 7 se realizou nesta Vila, vendeu-se:

Milho a 9\$00, o meio decalitro; centeio a 10\$00, idem; feijão branco a 14 e 15\$00, idem; feijão rajado entre 11 e 13\$00, idem; feijão frade a 8\$00, idem; castanhas a 7\$00, idem; batatas a 1\$20 o quilo; cebolas a 1\$50 e 2\$00, idem; galos, galinhas, frangos e franginhos desde 25, 20, 15 e 10\$00, cada, respectivamente; ovos a 13\$00 a dúzia; maçãs desde 2\$00, idem; sardinhas a 5\$00 idem; e nozes a 10\$00 o cento.

O tempo e a agricultura — Até que enfim! desde ontem que começou a chover com geitos de "pegar", o que é um grande benefício, nem só para os gados que não tinham nada que comer como para a agricultura em geral. *Deo gratias*.

ROUÇAS, 8

Para Fátima, partiu o nosso rev. pároco que ali fará o seu retiro espiritual.

— Para a Ponte da Barca, aonde vai exercer o munus de regente, partiu, há dias, a menina Leonor dos Anjos da Cabana.

— Também há já algum tempo que se encontra na freguesia da Gave, como regente, a menina Leonor Alves, do lugar dos Cabreiros.

— Para a Guarda, partiu o nosso amigo sr. Manuel Inácio Durães, distinto Sub-chefe da P.S.P., que a Corções veio passar uns dias de repouso. Esperamos que em breve o nosso amigo Durães, venha para mais perto de nós e de sua família.

— Acompanhado de sua esposa e filhinho, parte por estes dias para o sul, o nosso amigo e assinante, sr. António Fernandes, digno guarda-fiscal.

— Foi muito concorrida a novena em honra de Nossa Senhora e hoje houve muitas comunhões.

— Tem funcionado a escola nocturna para adultos e são bastantes os alunos matriculados.

PARIS!

(Continuação da 1.ª página)

lugar da Adedela, por onde passaram tantos rapazes de Melgaço, que hoje ocupam lugares de relevo na província. Naquela escola da Adedela, de que o Padre João fez um seminário-liceu, estudaram muitos rapazes, que pela vida fora honraram a escola e o seu mestre.

A um deles, ainda vivo, a Enciclopédia Luso-Brasileira publicou o seu retrato e uma breve resenha da sua obra literária. Ali estudaram rapazes que hoje são ilustres professores, sacerdotes, um deles advogado e outro engenheiro.

Pois tudo me lembrou o pequenino e simpático Ramon, da Adedela. Mas ali havia vários rapazes de Espanha, de Padrenda.

Um deles contou-me que estivera preso sete vezes, antes de chegar a França. E na França também estivera preso uma vez. Mas agora estava ali a trabalhar e a criar riqueza para a sua família. Fomos a várias barracas e nestas ardanças acompanharam-me sempre os meus queridos paroquianos, o António Rodrigues, da Eira, e o filho do "grande" Casimiro, da Cela.

O José Esteves, intimava: — vá, rapazes, eu também dou para as vossas festas. Agora temos de dar todos para Santa Rita. E tudo correu bem, mas podia correr melhor. Começou a tragédia de sexta-feira, o dia da minha derrota, em França. Eu lhes contarei depois. Alguns amigos supõem que isto de se pedir por terras estranhas é uma coisa bonita, bonita e fácil...

Padrenda mais uma vez deu e generosamente. E não admira. Os primeiros romeiros que aqui aparecem na festa, são de Padrenda.

E apuramos o seguinte: — De Adelino Alves, Alcobaca, 1.000 florinhas; de José Esteves, Cela, 5.000; de Augusto Cândido Vaz, Jugaria, 2.000; Bernardo Gonçalves, Lapela, 5.000; de Manuel Pires, Lapela, 1.000; Dalmiro Domingues, Rovinha, 2.000; Vitoriano Meixeiro, Cela, Padrenda, 2.000; de António Rodrigues, Lapela, 2.000; António Rodrigues, Eira, 2.500; José Gonçalves Bernardo, Lapela, 2.000; António Rodrigues, Castanheiro, Portocarreiro, Fiães, 2.000; António Luís Domingues, Adedela, 1.000. E não sei como foi que em Paris, apareceram-me mais 1.000. Ao todo, 28.000 florinhas.

Graças a Deus! Aos rapazes do Rio e deste lindo torrão de Melgaço, em Noisy, obrigado. Que Santa Rita vos pague.

Não me deixaram partir aqueles bons amigos, sem me acompanharem ao café e tomarmos todos uns aperitivos. Também nas suas barracas, eu tivera de fazer a vontade a todos, sentando-me às suas mesas.

Nas nossas terras, o Padre é da família, da família espiritual.

E quando já eram as 23.43, parti para Paris, acompanhado do Manuel da Levada, de Soutomendo, que tão boa companhia me fez e tantas despesas houve de pagar.

E assim terminou mais uma outra jornada, em honra de Santa Rita. Benditas jornadas!

P.e Carlos

MISÉRIA

Agita-se o mar. A terra sombria
O luto se junta da noite escura...
Ruge o vento desvaído e sussurra
Na alma esmagada dia a dia...

Tempestade espumosa, engalanada
Por ódios e paixões em desatino...
Se, Homem, o sonhar é teu destino
Dorme à vã portada da alvorada...

Teu coração medroso, empoeirado,
Torceido nas trevas do Pecado,
Terá de fofa leito a imunidade

Mas de que serve se, já exangue,
Só encontrar na arca o próprio sangue
Pra cobrir seu frio corpo em caridade?

Braga, 11-XII-57.

Alberto Magno

Efemérides Na Encruzilhada do Destino

Novela por GABRIEL DINIS

II

Como seu patrão ouvira o povo mexer-se, numa agitação súbita, quase infundada. Por todos os lados as mesmas palavras, as mesmas ideias...

Mesmo bem sabia não estar naquele tempo em que D. João de Portugal, segundo Garrett, voltara da batalha de Alcácer Quibir onde, a bem falar, havia ficado para sempre.

A guerra dera-se longe... lá longe, em França, para onde muitos portugueses tinham partido e, uma vez acabada, depois de meses de frio e chuva, depois de inumeráveis momentos de angústia, de intensa saudade, nada mais simples que Ricardo tivesse regressado à Mãe Pátria entre os que tiveram a felicidade de ficar vivos.

Este é, porém, o lugar, digamos, em que assenta o ponto comum de semelhança ao espírito de ambos: seja como for, apresentem-se as circunstâncias da maneira que se apresentarem para os dois, uma coisa é certa — a chegada de Ricardo. A luz do solar provava-o. Não era fantasma, não senhor! (o leitor concertize riu-se...). Era o indício de que o velho casario, lá naquele alitinho, cheio de heras, de pirâmides desgastadas pela acção do tempo, tinha alguém a habitá-lo. No entanto, temos que concordar que tanto Martinho como João Gonçalo procuram ocultar mutuamente as suas opiniões.

O portão da quinta rodou sobre os seus gonços. Um pequeno ruído se distingue e tudo continua envolvido pelo silêncio duma noite escura. Há muito deixara de chover e o vento agudo como que se refugiara nas densas trevas...

Eis-me chegado. Com justificado interesse para ambos, resolvi, com licença do meu estimado leitor, abrir, neste capítulo — o breve parêntesis — o estritamente necessário para fazer as apresentações das personagens vindas a público. Só assim poderemos compreender a relação existente entre o praticante a acção praticada. Procurarei fazê-lo cuidadosamente, sem mesmo omitir a mais afastada minúcia desde que possa servir para uma melhor pintura, para uma melhor caracterização. O ser humano bem cedo é adaptável à mesma forma. Não: há ideias, muito diferentes.

Estas por sua vez influenciam o espírito e, conforme este, assim são também as obras. Para a formação de uma ideia concorre o tempo e até a sociedade. Mas antes disso vem a formação moral, a educação inicial já não atendendo (isto por várias razões o não explico) às cargas hereditárias. Como vê, meu bom amigo, nem tudo é fácil se não seguirmos um rumo, apresentando as figuras reais, por mero capricho trazidas ao seu contacto, tal como o fez Hugo apresentando o bispo de D... o sr. Carlos Francisco Bemvindo Myriel, com os seus setenta e cinco anos de idade, tal como o fez Júlio Dinis no seu «Uma Família Inglesa».

PONTOS DE VISTA

(Continuação da 1.ª página)

Podemos, por vezes, adoptar a crítica, o que já não é ser má língua, pois que esta e aquela não são a mesma coisa; a não ser que a crítica seja com intenções maquiavélicas, porque, neste caso, já se equiparam. Uma crítica, que seja segundo os moldes da ética cristã, uma crítica construtiva e não desmoralizadora, e não dando aos factos aspectos que estes não têm. Contudo, eu nem esta crítica moralizadora aprovo.

Se tivéssemos a consciência do mal que, algumas vezes, as nossas palavras fazem, ficaríamos eternamente calados e concorreríamos assim para o bem estar e concórdia de um aglomerado populacional e de cada um dos habitantes em particular, concorrendo, quase sempre, para o bem estar de um povo, porque as nossas opiniões particulares, segundo um escritor norte-americano, formam o pensar de uma sociedade e o pensar desta, o agir de uma nação.

Pensem nisto e verem que vale a pena ponderarmos sempre o alcance das nossas palavras.

Em 19 das calendas de Janeiro da era de César de 1204, ou seja em 14 de Dezembro de 1166. *Regnans Dominus Alfonso in Portugalia, in sede Tuleris Isidoro, etc.*, a Condessa D. Frolha Sauches, Senhora de muitos teres e haveres por estas partes, doou ao D. Abade João e à sua comunidade de Fiães, a quinta de Cavaleiros, quinta que — dizem — pertenceu à aguerriada milícia do Templo, dormente teria originado o toponímico da localidade, o que não quero crer.

Ora esta D. Frolha Sauches, que foi casada com D. Pedro Fernandes de Bragança, assim apelidado por ser governador das terras transmontanas, parece que era filha-génita de D. Sanchinho Nunes de Barbosa e de sua mulher D. Teresa, filha-bastarda do Conde D. Henrique, e, portanto, prima natural do primeiro grau consanguíneo do nosso primeiro rei, D. Afonso Henriques.

Quanto à tal quinta de Cavaleiros — hoje conhecida por Quinta dos Frades ou simplesmente Quinta — a mesma incluía as terras onde os monges de Fiães construíram as adegas para recolha de vinho de seus foros e prazos, o que deu origem ao crisma do lugar — Adegas. Há mais de setenta anos que estas terras já andavam na posse de Francisco Caetano de Sousa, casado que foi com Antónia Esteves, e na de Balbina de Sousa Coelho, que foi casada com José Joaquim Soares, filho do «Belchior» dos Bouços, Prado — aliás Diogo Manuel Soares, sobre-nomeado o Belchior por ser filho de Belchior José Soares, do referido lugar. Já estão todos no mundo da verdade... Assim, Francisco Caetano de Sousa faleceu em 10 de Julho de 1928; sua mulher em 27 de Maio de 1923; a Balbina em 1 de Junho de 1916 e o homem desta, o tal José Joaquim Soares, em 18 de Dezembro de 1920.

Em conclusão, que o tempo urge e o espaço escassa, hoje a falada terra, senão na todo na maior parte, anda na posse dos herdeiros daquele Francisco Caetano de Sousa — os Carlosos das Adegas — e na de Manuel Guerreiro — o Nelo de Cevide.

Mário

Manuel Costinha

Quase no fim do ano...

É verdade: quase no fim do ano e queremos dizer alguma coisa a respeito do carinho dos leitores para com "A Voz de Melgaço". Esse carinho é imenso, profundo e constante, sabido como o jornal vive mas do esforço de todos, que não só da dedicação dos que aqui trabalham.

Os que aqui trabalham consagram-lhe as horas vagas, que quase não existem. Mas o que faz andar o jornal, o que estimula e obriga a pensar nele, o que força a dedicar-lhe, fâmos a dizer heroicamente, as horas que é possível dedicar-lhe, são as centenas de assinantes, tanto do concelho como de fora dele e que insistem, e pedem, e exigem, que o jornal saia no dia próprio e seja distribuído com acerto e precisão matemática.

O período vai longo. Bem, eu queria dizer apenas isto: o jornal sai todos os 15 dias e a expedição é feita de 2 em duas semanas e a cobrança é-o tarde e mal, devido à acumulação de serviço dos que aqui trabalham e que são dinamizados, impulsivados, pelo carinho e pela generosidade dos que o assinam.

Correspondentes, assinantes, anunciantes, estão sempre dispostos a trabalhar e a auxiliar — e o que é mais — a obrigar os restantes a seguir para a frente e a consagrar a "Voz de Melgaço" por vezes a madrugada, que outro momento não há mais livre para isso. Rouba-se ao sono, para o dar ao jornal.

Obrigado a todos e que o entusiasmo geral conquiste em breve a muitos outros para lhe consagrarem a sua generosidade e a sua vida.

Dignaram-se assinar o jornal os srs. Alvaro Rodrigues, Henrique Manuel Alves, Jaime de Jesus Esteves, Armindo Barreiro, Gaspar Magno Pereira de Castro, D. Maria de Lourdes Rodrigues, P. António Domingues, P. Fernando Carvalho Rodrigues.

Estes assinantes pedem o jornal espontaneamente e isso revela o interesse que desperta e dá-nos a certeza de que estamos no bom caminho ao defender os interesses de Melgaço e ao cantar as suas glórias.

Por vezes acontece que o encarregado do expediente se esquece ou com a afluência de novos assinantes que têm de passar à máquina, dado que não houve ainda tempo de mandar gravar ao Porto os nomes para a expedição, enfim por qualquer motivo esquece-se ou descuida-se e vem o pedido de envio do jornal ou de mudança da direcção, uma, duas, três vezes, e não se cansam.

Estamos-lhes imensamente agradecidos pela paciência e interesse revelados e esperamos que tudo corra melhor no futuro.

Houve especial cuidado da nova montagem de serviços administrativos da "Voz de Melgaço" e a expedição está a ser feita com quase total regularidade. E dizemos quase total, dado que a perfeição não é dos homens — é de Deus!

Desceríamos falar do pagamento em débito da assinatura. Pensamos nos do estrangeiro — sobretudo França e Brasil.

Verificamos também que alguns do concelho devem ainda o ano de 1955. Como os restantes têm pago bem

Sonho ou realidade?

(Continuação da primeira página)

o que é a vida, o martírio, e o sofrimento?

Deus, deu-nos os olhos para vermos, admirar e sermos compreensivos.

Um homem, que tem no pensamento, aliviar a dor, a angústia, o sofrimento dos velhinhos, que pouco a pouco e momento a momento, encaram a morte como encaram a vida...

É pena que esse Melgaço por vezes alheio à fome o ao sofrer dos seus velhinhos, dos sem lar etc. etc. etc., não contribua para uma grande organização.

Quantos ricos, que tem o seu viver à larga, sem que se lembrem daqueles que muitas vezes pretendem e não tem, mas confiados no seu passado farto e no presente desconhecem o seu futuro! Quem sabe se este sacerdote algum dia bateu à porta de algum desta natureza e talvez o encarassem com mal humor regeitarem até o pedido de uns magros escudos para o dar à humanidade, aos outros.

Mas de repente este até então rico cai na miséria, está acabado, velho e sem forças, sem ninguém. Onde vai bater? Mas o sacerdote, o padre não tem ódio. Luta por todos, em nome de Deus, confiante, dá-lhes uma cama lavada, uma soppinha quente e bem feita e assim acaba os dias do rico agora pobre e moribundo.

Isto, caros leitores, são hipóteses que por infelicidade quantas e quantas vezes se tornam realidades.

Eu autor deste artigo, um só que vivo no Mundo longe da minha terra sem que ninguém da minha família possa abrir-me um sorriso confiante e verdadeiro, mas mesmo assim, não me dou por infeliz; pois sei encarar a vida, compreendê-la tal como ela é, porque é este o nosso destino.

— Estou em crer, que se muitos Melgacenses até alguns que não são filhos de Melgaço mas que aí adquiriram é certo com trabalho os seus meios de fortuna, tivessem na mente que o dinheiro não é o suficiente para que os arranque à morte e tenham de repouzar à sombra de uma cruz, procederiam doutra forma.

Paulo Freire, autor e cronista de «Várias notas» depois de escrever as suas crónicas ao bem da humanidade e prestes a succumbir não ambicionou o dinheiro, e apenas disse: «A minha consciência segue comigo tranquila, apenas quero e peço que os meus restos mortais repousem à sombra de uma cruz e de uns palmos de terra».

Deus continue a dar o mesmo interesse, o mesmo pensar da realização desta grande obra. Para que sapientiar nomes ou divulgar os seus feitos? Basta ir-se até Rouças e ali com os olhos postos no sacrifício do amor a Deus, aos seus paroquianos, e a todos em geral está ali patente.

Joaquim Balleyxo

Dia da Padroeira

Celebrou-se no passado dia 8 de Dezembro a Festa da Imaculada Conceição.

Em quase todas as freguesias deste concelho, foi celebrada essa data com as costumadas novenas em Sua honra.

e os assinantes são muitos, não se tinha chegado ao menor de saber até que ponto alguns se tinham esquecido. A cobrança vai seguir para todos em princípios de 1958. A todos pedimos o carinho de sempre.

Agora, uma palavra final. Temos que ultrapassar os 1.000 assinantes. Nem isso é coisa impossível, antes pelo contrário.

Bastaria que cada um nos indicasse um novo assinante e nada mais era necessário. A palavra de ordem para 1958 é: pagamento em dia e novos assinantes!

Penso, 9

Domingo, dia 8, realizou-se a festa em honra de Nossa Senhora do Rosário. A coral foi da música de Cabença, do concelho de Monção. Ao evangelho subiu ao púlpito um orador sagrado que muito agradou. Em seguida, saiu a procissão, acompanhada de muito povo, seguindo o itinerário de hábito até à igreja.

Os mordomos da indicada festa muito trabalharam o com bastantes sacrifícios para adquirirem fundos para pagarem os compromissos. O sr. Justino tinha muito gosto da realização da indicada festa. Senhora do Rosário olhe por ele e pelos seus.

Os restantes mordomos trabalharam a valer para o mesmo fim. Os meus parabéns a todos.

—No dia 1.º do corrente recebeu as águas do Baptismo uma criança, recebeu o nome de Rosa Marcelina Rodrigues Vilarinho, filha querida de Agostinho Rodrigues Vilarinho e de Eufémia Rodrigues.

O padrinho foi o sr. Orlando Rodrigues e a madrinha a sr. D. Maria Elizabeth Rodrigues, estudante, representada por procuração. Que a criancinha nascesse com a melhor estrela para bem daqueles que lhe deram o ser.

—Voltou para Lisboa o amigo José Pereira, que foi tomar posse do seu emprego. Que tivesse feliz viagem e que encontrasse sua esposa bem, são os meus votos.

Tempo — Continuação de o povo só pede chuvinha para ver se nasce a alimentação para o gado. Por esta causa no mercado não oferecem nada pelo gado.

Por hoje fico-me por aqui. —C.

Arménio de Melo

Foi transferido de Setúbal para a 11.ª Esquadra do Porto, o nosso prezado assinante, Arménio de Melo, agente da P. S. P.